

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 1 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná

*Experiencias Espaciales de Hombres
Transexuales Residentes en la Ciudad de Ponta
Grossa, Paraná*

*Spatial Experiences of Transexual Men who
Live in the City of Ponta Grossa, Paraná*

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
addiecarbonar@gmail.com

Marcio Jose Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
geogenero@gmail.com

Como citar este artigo:

SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos; ORNAT, Marcio Jose. Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 22-50, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná

Experiencias Espaciales de Hombres Transexuales Residentes en la Ciudad de Ponta Grossa, Paraná

Spatial Experiences of Transexual Men who Live in the City of Ponta Grossa, Paraná

Resumo

Este texto analisa as vivências espaciais de homens transexuais residentes na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Nossa fonte de reflexão refere-se aos resultados de quatro entrevistas realizadas com homens trans que vivenciam ou vivenciaram os espaços educacionais de nível superior. Estas entrevistas apontam para um processo de identificação não linear enquanto homem trans, e que as relações acerca da adoção do nome social são distintas, pois sua utilização pelos sujeitos inicia-se em diferentes contextos temporais e espaciais. Por fim, a transfobia perpassa todos os níveis educacionais, mas é através do espaço escolar que esta ação se apresenta de forma mais intensa, o que torna necessária a criação de estratégias para a própria permanência nestas espacialidades desde a tenra idade.

Palavras-Chave: Transexualidade; Transfobia; Universidade; Identidade.

Resumen

Este texto analiza las vivencias espaciales de hombres transexuales residentes en la ciudad de Ponta Grossa, Paraná. Nuestra fuente de reflexión se refiere a los resultados de cuatro entrevistas realizadas con hombres trans que vivencian o vivenciaron los espacios educativos de nivel superior. Estas entrevistas apuntan a un proceso de identificación no lineal como hombre trans, y que las relaciones acerca de la adopción del nombre social son distintas, pues su utilización por los sujetos se inicia en diferentes contextos temporales y espaciales. Por último, la transfobia atraviesa todos los niveles educativos, pero es a través del espacio escolar que esta acción se presenta de forma más intensa, lo que hace necesaria la creación de estrategias para la propia permanencia en estas espaciales desde la temprana edad.

Palabras-Clave: Transexualidad; Transfobia; Universidad; Identidad.

Abstract

This text analyzes the spatial experiences of transsexual men living in the city of Ponta Grossa, Paraná. The source of our reflection results from four interviews with transsexuals who have lived or live in higher education spaces. These interviews point to a process of non-linear identification as a trans man, and the relations about the adoption of a social name are distinct, since their use by the subjects begins in different temporal and spatial contexts. Finally, transphobia permeates all levels of education, but it is through the school space that this action presents itself more intensely, which makes it necessary to create strategies for the very permanence in these spaceships from an early age.

Keywords: Transexuality; Transphobia; University; Identity.

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos, Marcio Jose Ornat



Introdução

Este texto tem por objetivo central analisar as vivências espaciais de homens transexuais residentes na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Embora a transfobia ocorra a partir de uma ampla gama de vivências espaciais, é através dos espaços escolares que esta ação ocorre em intensidade considerável (SANTOS; ORNAT, 2017). Ela também é exercida em espaços educacionais de nível superior, marcando corpos segundo diferentes contextos. Mesmo numa espacialidade transfóbica, pessoas transexuais e travestis vivenciam estes espaços estabelecendo estratégias para sua permanência, justificando assim nosso recorte de grupo, relacionado a homens trans que vivenciam ou vivenciaram os espaços educacionais de nível superior.

Apesar de existir um número crescente de vagas no ensino superior¹, não são encontradas informações concretas sobre o acesso ao ensino superior de pessoas transexuais e travestis. Isto denuncia o silenciamento por parte de órgãos governamentais referente a esta população, sendo que o número reduzido destas pessoas nestes espaços seja uma resposta para a inexistência de tais dados. Contudo, tem-se constatado uma abertura para a vivência trans, como a própria reflexão deste texto evidencia.

Este silenciamento também pode ser evidenciado no que concerne as discussões no campo geográfico científico brasileiro sobre a relação entre transexualidades e os espaços educacionais de nível superior. Segundo Cesar (2015)² há um avanço nas discussões de gênero e sexualidades em eventos geográficos, mesmo que tímido, especialmente a partir da criação de periódicos específicos sobre a temática³. Assim, numa busca realizada por título de artigos, no 'Observatório da Produção Geográfica Brasileira', coordenado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE), com as palavras-chave 'transexual', 'transexuais', 'transexualidades' e 'transfobia', a palavra 'transexuais' (*transexuales*) aparece somente em um título de artigo publicado em periódico com estrato B2 de autoria de Rodriguez e Guimarães (2012)⁴. No referido artigo, são abordadas as relações entre transexuais e a transformação

1 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2016. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

2 Levantamento de dados realizado pela autora dos Periódicos on-line da Geografia de Qualis Capes A1 - A2 - B1- B2 - B3 - B4 - B5, Triênio 2013/2015. Num universo de 13.990 artigos, apenas 167 possuem relação com a temática de gênero (1,2%) e, 49 artigos sobre a temática das sexualidades (0,3%). Destes 49 artigos que dizem respeito sobre as sexualidades, somente 10 artigos problematizam a escala do espaço escolar, sendo que nenhum artigo deste universo problematiza a escala de espaços educacionais de nível superior (CESAR, 2015).

3 Desde 2010, o periódico 'Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero' tem sido de suma importância para as discussões sobre as temáticas, além dos periódicos 'Terr@ Plural' e 'Pegada'. (CESAR, 2015).

4 RODRIGUEZ, Martin Ignacio Torres; GUIMARÃES, Raul Borges. Los espacios urbanos de sociabilización de los Transexuales en la ciudad de Santiago de Chile. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. v.3, n.1, p. 74 - 84, jan./jul., 2012.

do corpo em relação aos espaços urbanos que estas pessoas podem ocupar livremente⁵.

Assim, o primeiro momento deste texto compreende as espacialidades enquanto encontros de histórias, ou seja, constituídas por multiplicidades de trajetórias (MASSEY, 2008), estando dentre as possibilidades escalares a escola, os espaços educacionais de nível superior, as espacialidades do trabalho, a casa e o corpo, segundo co-instituições e co-tensionamentos. Também evidenciamos que além do processo de abjeção de corpos, o mecanismo de gênero produz identidades de gêneros inteligíveis e ininteligíveis. Ainda, realizamos uma discussão acerca da identidade transexual, em especial, de homens transexuais e a exclusão social que os mesmos sofrem em decorrência da transfobia. O segundo momento deste texto aborda as discussões que reconhecem que as vivências dos homens trans extrapolam os espaços educacionais de nível superior (assim como ocorre no espaço escolar), constituindo diferentes relações em múltiplas espacialidades. Por fim, evidenciamos que os homens trans entrevistados vivenciam os espaços educacionais de nível superior utilizando de estratégias para a sua permanência nestas espacialidades que há muito lhes foi negado, seja a partir de funcionamentos estruturais de produção de vulnerabilidades sociais, institucionais ou individuais.

Espaços Educacionais, Gênero e (Trans)Sexualidades

Assim como o espaço escolar, os espaços educacionais de nível superior produzem e reproduzem a hostilidade contra a população LGBT, em um *continuum* de valores e normas naturalizadas que perpassam os mais diferentes níveis educacionais desde a educação infantil até o ensino superior. Segundo Santos e Ornat (2017), os espaços educacionais de nível superior são espaços interditos - assim como o espaço escolar, como argumentado por Silva (2008) - em especial às travestis e transexuais, uma vez que sua entrada na universidade está condicionada a conclusão da educação básica e posterior aprovação em vestibulares, o que muitas vezes não ocorre devido a evasão escolar anterior, fruto, entre outros fatores, como apontado por Santos (2010), de discriminações e preconceitos diários.

Essa 'inexistência' da população LGBT em espaços educacionais de nível superior, como apontam Santos e Ornat (2017), não pode ser entendida como mera ausência desta população, pois como argumenta Freitas (2011), muitas destas pessoas ocultam suas identidades de gênero/orientação sexual para assegurar a própria permanência nestas espacialidades. Embora o sofrimento em relação a sexualidade perpassa algumas pessoas que vivenciam o espaço escolar, é incontestável que aquelas pessoas que sofrem em maior intensidade são justamente aquelas que estão construindo suas identidades de gênero e sexuais desviantes dos padrões heteronormativos (JUNQUEIRA, 2009). Assim, como proposto por Santos e Ornat (2017), a hostilidade contra travestis e pessoas transexuais se intensifica, pois a transgressão das fronteiras das sexualidades e do gênero é marcada, diferente de outras pessoas que podem

5 Os outros termos não geraram resultados de busca.

viver na 'proteção' do armário.

Segundo Silva (2008), a escola se constitui como um espaço interdito para a vivência de corpos que não correspondem a heteronormatividade, pois há conflitos contínuos para a permanência destas pessoas, comprometendo futuras realizações. Assim, a autora afirma que o espaço pode ser compreendido não apenas materialmente, mas também por ações regulatórias - neste caso heteronormativas, ou seja, “(...) um conjunto de práticas que são lidas e interpretadas por elas sendo espaços dos quais elas não têm direito de fazer parte” (p. 158). Estas ações regulatórias são exercidas sutilmente a partir de constrangimentos, rejeições ou exclusões (SILVA, 2008). Todavia, há travestis e pessoas transexuais que utilizam de estratégias para sua permanência em espaços educacionais, mesmo com estas ações regulatórias.

No *continuum* de valores e normas naturalizadas nos diferentes níveis de ensino, como argumentado por Santos e Ornat (2017), está arraigado também o que pode ou não ser discutido em espaços educacionais. Desta forma, os autores evidenciaram que a formação inicial docente em relação a temática é falha, caracterizada também pelo despreparo profissional para com as discussões sobre sexualidades, resultado de influências religiosas por parte do grupo pesquisado. Entretanto, há o reconhecimento da importância do tema, legitimando a temática como um aspecto importante no desenvolvimento social e educacional. Sendo assim, as travestis e pessoas trans que vivenciam os espaços educacionais de nível superior diariamente vivenciam tensões e conflitos, o que poderia se dar em menor grau se as discussões sobre a diversidade humana fossem estabelecidas.

Embora muitas das afirmações realizadas por Santos e Ornat (2017) tratem da escala do espaço escolar, retomamos os espaços educacionais de nível superior como um *continuum* para muitas pessoas que vivenciaram a escola. Igualmente, partindo destas considerações, os espaços educacionais de nível superior, bem como o espaço escolar, negligenciam, invisibilizam e ocultam identidades e discussões acerca das sexualidades, contribuindo com a hostilidade contra pessoas que não seguem a linearidade entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2013). Amaral (2013) compreende os espaços educacionais de nível superior como um espaço de produção, reprodução e atualização de discursos, valores e práticas heteronormativas, na qual a permanência espacial de determinados grupos que estão à margem da sociedade não é igualitária.

Se pensarmos que a educação é um direito universal, como tratado por Horta (1998), onde todas as pessoas são 'bem-vindas', na medida em que se comprometem a seguir as normas vigentes que as controlam e vigiam (SANTOS; ORNAT, 2017), podemos propor que os espaços educacionais de nível superior também são vivenciados e organizados a partir da heterossexualidade compulsória, pois os mesmos se configuram como uma extensão da educação básica, sendo vivenciados pelas mesmas pessoas.

Podemos compreender os espaços educacionais de nível superior segundo as reflexões de Massey (2008), que propõe pensar o espaço de maneira distinta, questionando a prática de pensá-lo enquanto superfície, mas compreendendo-o como um encontro de histórias. Em outras palavras, uma multiplicidade de trajetórias. Para tanto, a autora apresenta a tríade para pensarmos o espaço: (1) enquanto produto de inter-relações, propondo uma compreensão relacional do

mundo; (2) enquanto esfera da multiplicidade, na qual diferentes trajetórias coexistem e; (3) enquanto contínua construção, compreendido como uma 'simultaneidade de estórias-até-agora', isto é, trajetórias múltiplas.

Compreender os espaços educacionais nesta concepção é dar possibilidade para a existência de múltiplas relações, não somente trajetórias heteronormativas, como argumentado por Massey (2008), quando afirma que a trajetória de homem (neste caso 'homem cis', ou seja, aquele que se identifica com seu gênero atribuído ao nascer), branco, heterossexual foi 'uma' das trajetórias e não 'a' universal, como há muito foi considerada, sendo que coexistem múltiplas trajetórias a serem levadas em consideração, inclusive as trajetórias de homens transexuais.

Para Massey (2008), enquanto algumas trajetórias ou caminhadas sociais são permitidas, outras são interrompidas. Em outras palavras, enquanto a trajetória do homem (cis), branco, heterossexual foi considerada a universal, as trajetórias das pessoas que não estão correspondem com a linearidade entre sexo, gênero e desejo foram imobilizadas, interrompidas em diversos espaços, dentre eles, os espaços educacionais. Da mesma forma, compreendemos que existem cruzamentos de trajetórias, fazendo com que algumas trajetórias espaciais sejam interrompidas em função da continuidade de outras, ou seja, algumas trajetórias são compostas pelos espaços educacionais, enquanto outras são interrompidas, não sendo compostas por estas espacialidades.

Podemos compreender a linearidade entre sexo, gênero e desejo com base nas considerações de Butler (2013) sobre o funcionamento do mecanismo de gênero. Segundo a autora, este mecanismo regula práticas humanas e cria ficções de masculinidades e feminilidades enquanto naturais, como uma relação binária, partindo do pressuposto da heterossexualidade obrigatória. Butler (2013) argumenta que o gênero está ligado às intersecções políticas e culturais, possuindo, em diferentes contextos históricos, intersecções com outros marcadores sociais. Estas considerações, segundo a autora, são o resultado do funcionamento do mecanismo de gênero, ou seja, uma matriz de inteligibilidade através da qual os corpos são entendidos como meios culturalmente passivos.

Segundo Butler (2013), as práticas heteronormativas estabelecem coerências entre ações discursivas. Desta forma, a autora denomina que os discursos hegemônicos (discurso jurídico e o discurso médico-biológico⁶) são estabelecidos através de estruturas binárias definindo-os como 'gêneros inteligíveis' e 'gêneros incoerentes ou descontínuos', isto é, quando há a coerência entre sexo, gênero e desejo, e quando não há.

Como evidenciado em Santos e Ornat (2017), estes discursos hegemônicos estão interligados em uma rede de tal modo que um discurso atravessa o campo discursivo do outro, produzindo uma teia que sustenta a heterossexualidade compulsória. Além, estes discursos auxiliam na manutenção do mecanismo de gênero, produzindo identidades de gênero

6 Santos e Ornat (2017) elencam mais um discurso hegemônico para o funcionamento do mecanismo de gênero o qual Butler (2013) não faz referência, o discurso teológico-monoteísta. Entender o discurso teológico-monoteísta como um elemento de inteligibilidade do mecanismo de gênero permite reflexões sobre as considerações em relação a religião enquanto reguladora de práticas sociais.

inteligíveis e identidades de gênero incoerentes ou descontínuas, em relação a linearidade entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2013) produzindo corpos objetos e abjetos. Para Butler (2002), a denominação de corpo abjeto se refere não somente à sexo ou a norma heterossexual, mas a todos os corpos que não são considerados importantes materialmente. Em outras palavras, vidas que não são consideradas vidas, num processo que se realiza a partir de uma matriz excludente. Os corpos dos homens transexuais além de possuírem marcas - como denominou Louro (2008), marcas do poder a qual permitem que pessoas sejam pertencentes a determinadas culturas, acolhidas ou não, incluídas ou excluídas em múltiplas espacialidades – sofrem este processo de abjeção diariamente. Assim, estes corpos não são considerados importantes, isto é, são considerados menos humanos.

Como destacado acima, o mecanismo de gênero, além de produzir a objeção e abjeção de corpos, também produz identidades de gênero inteligíveis ou ininteligíveis. A inteligibilidade da identidade de gênero, segundo Butler (2013), se dá a partir de uma matriz cultural na qual determina que certas identidades sejam reconhecidas enquanto outras não.

Para Louro (2013), identidades de gênero e identidades sexuais se inter-relacionam, estando ambas em uma contínua construção, ou seja, instáveis e passíveis de transformação. Castells (1999) argumenta que a identidade é um processo de construção de significados culturalmente estabelecidos, podendo a pessoa ter múltiplas identidades, o que origina muitas tensões e contradições. Devido a esta multiplicidade, o autor afirma que é necessário distinguir identidades e papéis, onde este último se caracteriza por influenciar o comportamento das pessoas enquanto que as identidades são, a partir da individualidade, elaboradas pelos significados das próprias pessoas. Desta forma, o processo de identificação, para Le Bossé (2004), pressupõe um processo de diferenciação, além de estar repleto de conflitos e relações de poder. Le Bossé (2004) propõe que o processo de identificação implica dois vieses: (1) a identificação enquanto nomeação de algo ou indivíduo e posteriormente sua singularidade e; (2) identificação enquanto similaridade, buscando pertencimento. Portanto, para o indivíduo consciente de sua identidade são necessários os elementos para o sentimento de pertencimento e a constituição de um outro grupo, diferente do primeiro.

Dentre as identidades de gêneros incoerentes ou descontínuas (BUTLER, 2013), estão as denominadas identidades transexuais, ou seja, ‘o outro’ grupo. Zambrano (2011, p. 97), enfatiza que a identidade transexual incomoda, é incompreendida e causa estranhamento, sendo induzida “(...) a fazer tentativas para inserir essa identidade em outra já conhecida e mais inteligível”. Ao abordar a cidadania transexual, a autora afirma que as demandas para este público são muito mais específicas no que diz respeito à luta pela igualdade de direitos e que o processo até uma identidade transexual não é linear, ocorrendo muitas vezes durante a fase adulta (e não desde a infância como determina o Manual de Diagnósticos e Estatísticas da Associação Americana de Psiquiatria⁷). Segundo Zambrano (2011), existem duas agressões à cidadania transexual: (1) pessoas trans devem “provar” sua identidade transexual à

7 ‘*Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders IV-1994 (DSM-IV)*’.

equipe médica, a qual tem o poder de legitimá-la ou não. Observa-se aí, como evidencia a autora, uma relação de poder entre profissional/paciente:

Acontece um confronto entre dois discursos: o discurso médico, que considera o *transexualismo* uma doença mental, e o discurso dos / as transexuais, que não se consideram doentes mentais mas querem fazer a cirurgia como uma adequação corporal ao sexo que sentem pertencer. Para os / as transexuais, o problema não é a doença mental – é, simplesmente, terem nascido com o corpo “errado”. O que se vê acontecer, então, são estratégias de convencimento da equipe médica por parte dos / as transexuais. Estas constroem uma história de vida “adequada” aos critérios diagnósticos de maneira a garantir a cirurgia. Submetem-se ao discurso médico para adquirir um direito (o acesso à cirurgia) que deveria ser seu, sem questionamentos. (ZAMBRANO, 2011, p. 104, grifo nosso)⁸.

Além do discurso médico, Zambrano (2011) afirma que: (2) o discurso jurídico também atua de uma forma mais específica no que concerne a agressão a cidadania transexual, pois há o envolvimento de intervenções médicas, especialmente cirúrgicas. Podemos evidenciar mais uma vez os discursos hegemônicos atuando de forma conjunta, alimentando o mecanismo de gênero (BUTLER, 2013) e (re)produzindo a transfobia contra homens transexuais.

Ao analisar os dados da pesquisa 'Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil', realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), Zambrano (2011) evidencia que quando perguntada a própria população LGBT sobre a percepção do preconceito, as hostilidades mais intensas estão relacionadas às vivências de travestis, mulheres e homens transexuais⁹. Para Silva (2013), as travestis trazem marcas no corpo e na alma - marcas das transformações corporais e marcas do preconceito - que são adquiridas ao longo de suas vivências. Estas mesmas considerações podem ser aplicadas também no que diz respeito a homens transexuais.

Em se tratando da transexualidade, por não seguir a linearidade entre sexo, gênero e desejo, Zambrano (2011) afirma que, primeiramente, as pessoas transexuais eram consideradas como portadoras de uma patologia diagnosticada por Harry Benjamim, o ‘transexualismo’¹⁰. Desta forma, considerar a transexualidade enquanto uma patologia faz a identidade

8 Destacamos a palavra 'transexualismo' para ressaltar que, embora no Código Internacional de Doenças a palavra apareça como 'Transexualismo', é correto utilizar a palavra Transexualidade.

9 Travestis (99%) e transexuais (96%).

10 Capítulo V – Transtornos Mentais e Comportamentais. Grupo F60 – 69: Transtornos da personalidade e do comportamento do adulto. Categoria F64 – Transtornos da Identidade Transexual. Subcategoria F64.0 – Transexualismo. (CID 10. CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA INTERNACIONAL DE DOENÇAS E PROBLEMAS RELACIONADOS COM A SAÚDE. Disponível em: <http://www.cid10.com.br/> Acesso em: 23 set. 2017.

transexual ser consolidada como doença. Posteriormente, Zambrano (2011) ressalta que o termo ‘transexualismo’ foi alterado no DSM-IV para ‘Transtorno de Identidade de Gênero’, classificado como uma patologia mental da ‘identidade’. Segundo a autora:

A apropriação do discurso médico por alguns transexuais acontece como tentativa de enquadramento em uma classificação que, não apenas permitirá a realização da cirurgia de “troca de sexo” (e aumentará a possibilidade de troca de documentos), mas também os afastará da acusação de “desvio moral” imputada muitas vezes à homossexualidade e ao *travestismo*. Na medida em que o problema fica localizado em uma inadequação corpo-mente, em uma patologia, espera-se que haja uma presunção de “inocência moral” em relação às pessoas transexuais, diminuindo o preconceito contra elas. (ZAMBRANO, 2001, p. 101, grifo nosso)¹¹.

Um ponto que chama a atenção é o discurso médico aqui afirmado: (1) a transexualidade, primeiramente sendo considerada enquanto doença e, posteriormente, como transtorno de identidade. Indo além, (2) sendo entendida enquanto um ‘problema’ entre corpo-mente, deixando de lado as relações de poder presentes neste discurso médico. Mais uma vez podemos evidenciar um dos discursos hegemônicos alimentando o mecanismo de gênero (BUTLER, 2013).

A possível diminuição do preconceito a partir da ideia de patologização não ocorre, visto os resultados da citada pesquisa realizada pela FPA (VENTURI; BOKANY, 2011), a qual evidencia que entre outras identidades de gênero, homens transexuais são alvos em potencial de hostilidade, corroborando com os resultados da pesquisa realizada pela ONG Transgender Europe (TGEU). Segundo esta organização, de janeiro de 2008 a setembro de 2016, 900 pessoas morreram vítimas de transfobia no Brasil. Todavia, estes números são ainda maiores, visto que nem todas as mortes são notificadas¹².

Embora os homens transexuais sofram com a transfobia e que o processo de exclusão social ocorra, suas vivências nas espacialidades são uma realidade cada vez maior. Eles estão resistindo a ordem heteronormativa e buscando estratégias para sua permanência em múltiplas espacialidades que vão além dos espaços educacionais de nível superior, como discutido a seguir.

As Experiências Espaciais de Homens Transexuais

Reconhecer que homens transexuais vivenciam os espaços educacionais de nível superior é contestar a interdição espacial analisada por Silva (2008), que

11 Embora a autora utilize o termo 'travestismo', o correto é utilizarmos o termo 'travestilidades'.

12 NÚMERO DE HOMÍCIDIOS DE PESSOAS LGBT PODE SER RECORDE EM 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/numero-de-homicidios-de-pessoas-lgbt-pode-ser-recorde-em-2016>> Acesso em: 25 set. 2017.

devido ao seu contexto histórico e o fenômeno estudado, compreende a escola como interdita a vivência de corpos transgressores de gênero e das sexualidades. As ações regulatórias exercidas para constranger, rejeitar e excluir (SILVA, 2008), são estabilizadas - o que não quer dizer que essas ações regulatórias não existam - por esses corpos que vivenciam os espaços educacionais, resistindo a norma heterossexual e ocupando os mais variados espaços.

Méndez (2014) argumenta que as vivências trans são heterogêneas e interseccionais, pois são distintas as experiências e decisões, bem como a tomada de consciência da própria transexualidade em diferentes idades. Assim, podemos pensar que suas vivências educacionais também o são. Para Méndez (2014):

Las personas tenemos identidades y necesidades heterogéneas, fruto de la combinación de la procedencia étnica, socioeconómica, de clase social, de diversidad funcional, de género, de edad y otras categorías sociales que dibujan experiencias «interseccionales». Si tomamos una de estas categorías, el género, que divide en nuestra sociedad en mujeres y hombres, vemos que no sólo incluyen una gran diversidad sino que en la actualidad, además, se están transformando apresuradamente las miradas sobre los roles de mujeres y hombres. (MÉNDEZ, 2014, p. 25).

Se as pessoas possuem identidades, necessidades e vivências distintas (MÉNDEZ, 2014) e que as questões relacionadas às sexualidades fazem parte da mesma - pois, como argumenta Louro (2013), a sexualidade não é algo que possa estar desconectado das pessoas, mas faz parte da sua própria constituição - se faz pertinente refletir sobre as relações entre as vivências educacionais de homens transexuais e suas múltiplas espacialidades.

Assim, para compreendermos este fenômeno, foram analisados os dados utilizando a análise de conteúdo do discurso proposto por Bardin (1977), a partir de quatro entrevistas realizadas com homens transexuais que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa (instituições públicas e privadas, todas presenciais)¹³.

Entre os entrevistados, 3 deles não iniciaram o processo de retificação dos documentos e apenas 1 deles concluiu o processo. Em relação à cidade de nascimento, todos nasceram no município de Ponta Grossa. A faixa etária dos entrevistados varia entre 19 a 27 anos. Todos os entrevistados residem com os familiares, são solteiros e não possuem filhas e/ou filhos / dependentes. Em relação a renda individual, 2 deles possuem renda de até 1 salário mínimo (provenientes de bolsa de estudo da graduação), 2 deles não possuem renda. Sobre a renda familiar, 1 deles informou que a renda total da família é de 1 a 2 salários mínimo; 2 deles informaram que a renda é de 2 a 4 salários mínimo e 1 deles não soube informar. Em relação a religião, 1 deles é católico, 1 é

13 Em respeito ao anonimato dos sujeitos, os homens transexuais entrevistados serão identificados a partir de nomes de super-heróis do universo Marvel, a saber: Capitão América, Homem de Ferro, Gavião Arqueiro e Thor.

Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná

agnóstico, 1 não pratica nenhuma religião, mas frequentava a Igreja Católica e 1 deles não pratica nenhuma religião, mas frequentava a Igreja Evangélica. Por fim, no que se refere a graduação, 3 deles estão com a graduação em andamento e 1 deles a concluiu.

A partir do perfil dos entrevistados podemos nos aprofundar na organização das espacialidades discursivas, como evidencia o gráfico a seguir (Gráfico 1). Segundo a metodologia proposta por Bardin (1977), classificamos cada evocação¹⁴ segundo espacialidades discursivas (falas que tratavam de espacialidades ou relatavam fatos ocorridos através das espacialidades localizadas nos discursos) e categorias discursivas, que dão sentido a um agrupamento e análise posterior. É importante ressaltar que a mesma categoria discursiva pode estar presente em mais de uma espacialidade discursiva.

Gráfico 1 – Espacialidades Discursivas dos Homens Trans que Vivenciam / Vivenciaram os Espaços Educacionais de Nível Superior do Município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

A análise das entrevistas produziu um total de 328 evocações que foram organizadas segundo espacialidades discursivas¹⁵ e categorias discursivas. Destaca-se, também, que as análises do conteúdo do discurso serão realizadas seguindo uma lógica que visa a melhor compreensão do fenômeno, e não segundo uma hierarquia quantitativa percentual¹⁶.

14 Uma evocação é um trecho de discurso que possui unidade, e assim podendo ser classificado, mas conectado a toda a fala da pessoa entrevistada.

15 A espacialidade discursiva 'Espaços Educacionais' (51,2%) compreende as espacialidades discursivas 'Universidade' (32,3%), 'Escola' (13,7%) e 'Banheiro' (5,2%).

16 Desconsideramos as espacialidades discursivas 'Cidade' (4,0%), 'Não evidenciado' (2,4%), 'Hospital' (1,8%), 'Igreja' (1,8%), 'ONG' (1,8%) e 'Rua' (1,2%), pois as mesmas não possui um total representativo individual.

O Corpo

A primeira espacialidade discursiva a ser analisada está relacionada ao 'corpo', possuindo 14,3% do total das evocações. O corpo neste sentido é compreendido enquanto espaço, pois conforme Silva e Ornat (2016), o corpo é socialmente e geograficamente posicionado, não sendo possível compreendê-lo fora do contexto espaço-temporal. Para os autores:

Como existem infindáveis tipos de corpos, em diferentes formas, características, estágios e estados de existência e cada uma delas é interpretada e comunicada em cada tempo e espaço, pode-se argumentar, assim, que o corpo é lugar social, político e geográfico e, além disso, o corpo se constitui na maneira como as pessoas se conectam com outros espaços e experimentam o espaço. (SILVA; ORNAT, 2016, p. 63).

Desta forma, esta espacialidade discursiva é de suma importância para a presente discussão, uma vez que o corpo não pode ser analisado e descrito separadamente do modo como o mesmo se apresenta no mundo (GREINER, 2005). O gráfico a seguir (Gráfico 2) evidencia as categorias discursivas (%):

Gráfico 2 – Espacialidade Discursiva – 'Corpo', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

Podemos refletir sobre a categoria discursiva 'Identidade Trans' a partir de 3 possibilidades: (1) identificação; (2) privilégios e; (3) passabilidade. Em relação a primeira possibilidade de análise da categoria discursiva 'Identidade Trans', o processo de identificação enquanto homem trans não é linear, o que corrobora com as discussões de Zambrano (2011). Além de não linear, o

processo de identificação enquanto homem transexual perpassa por uma identificação anterior enquanto lésbica por parte dos sujeitos. As entrevistas evidenciam a insatisfação quanto a esta identificação anterior, marcado por tratamentos no feminino e, principalmente, em relações afetivas com mulheres, a qual a ideia da relação homoafetiva não era suficiente, já que existia interiormente a identificação masculina. Essa identificação anterior enquanto lésbica se deu devido ao desconhecimento da possibilidade de uma identidade transexual, mas também, em alguns casos, devido a obrigatoriedade exercida pela sociedade de encaixar pessoas em determinados grupos, neste caso, na lesbianidade (categoria discursiva 'Hostilidade' (2,1%)). Assim, estes homens transexuais, ao longo da sua vida, passaram por dois processos: se assumir primeiramente enquanto lésbica para si mesmos e para família e amigos e, num segundo momento, se assumir enquanto homem transexual. Desta forma, não se tratava de questões referentes à orientação sexual, mas sim de identidade de gênero.

As duas outras possibilidades podem ser analisadas em conjunto, pois o reconhecimento de privilégios em relação ao processo de identificação enquanto transexual se dá a partir de outras categorias sociais, como situação socioeconômica até ao apoio/incentivo dos pais, principalmente em relação aos estudos, não tornando a identidade transexual um impedimento. Por fim, a última possibilidade possui relação com a segunda já citada, tendo em vista que as entrevistas evidenciam a passabilidade que alguns homens trans possuem, principalmente após o início da hormonioterapia.

Este 'privilégio' da passabilidade está relacionada ao fato de se 'passar' por homem *cis* perante a sociedade, realidade diferente para algumas mulheres transexuais e travestis, como apontam as entrevistas. Embora o termo não seja bem aceito para alguns entrevistados, é importante ressaltar que esta passabilidade possui duas faces: a primeira relacionada à passabilidade enquanto homem *cis*, o que dá subsídios para não sofrer transfobia. Porém, por outro lado, causa uma invisibilidade da existência de homens trans, invisibilidade esta exercida muitas vezes por eles mesmos a partir do medo e também pelo conhecimento científico. Em sua pesquisa sobre o uso do nome social ao uso do banheiro, Alves e Moreira (2015) denunciam a ausência e baixa representatividade de homens trans em estudos acadêmicos, bem como a invisibilidade destes sujeitos no próprio movimento LGBT. O discurso abaixo evidencia essa passabilidade e invisibilidade de homens transexuais:

[...] homens trans tem mais passabilidade... a questão da passabilidade... [como assim?] passabilidade é tipo é a sociedade ver como um homem cis, tipo.. que dai, tipo, ter barba e não vai ter traços feminino e tal e já tipo... [...] a questão da passabilidade é tipo da sociedade ver como um homem cis... mesmo sendo homem trans... ai tipo a gente fica meio é... invisibilizado nessa parte, tipo porque as pessoas... [...] Eu assim não conhecia muito homem trans, eu conhecia mulher assim tipo.. mulher trans... Mas homens.. tipo... (...) E tem muitos assim que tipo não.. preferem não falar que é trans tipo que nem.. eu assim agora que to falando um pouco, perdendo o medo, esse medo... [...]. (Capitão América).

Campos (2014) ao discutir sobre a identidade trans, afirma que para as mulheres trans construírem suas identidades e serem reconhecidas como tal, precisam passar pelo que é socialmente construído como modelo de ser mulher. Podemos seguir esta mesma lógica em relação aos homens transexuais quando também precisam passar por estas normas socialmente construídas do que é ser homem para o reconhecimento como tal. Seria uma construção da masculinidade, ou seja, aquilo que é esperado socialmente do modelo masculino, mas que a qualquer momento pode deixar de ser reconhecido como homem quando o foco passa a ser o órgão genital, conseqüentemente, o gênero atribuído no nascimento. Esta masculinidade pode ser compreendida a partir do conceito de masculinidade hegemônica de Connell e Messerschmidt (2013). A masculinidade hegemônica é normativa e difere das masculinidades subordinadas. Contudo, existente em casos específicos, sendo possível a subversão, ou seja, dependendo do contexto histórico-espacial novas masculinidades poderiam substituir as antigas masculinidades hegemônicas, inclusive masculinidades onde não existissem hierarquias de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Partindo destas reflexões compreendemos que as masculinidades de homens transexuais são subordinadas, isto é, não hegemônicas em relação às masculinidades de homens *cis*, e que mesmo construindo suas masculinidades dentro do modelo esperado do que é ser homem, constituindo aquilo que se entende por passabilidade, pelo fato de terem nascidos com vagina, podem não ser reconhecidos como tal.

Em relação a categoria discursiva 'Processo de Transição' (44,7%), que dialoga com a categoria discursiva 'Identidade Trans', pelo fato das identidades serem processo em elaboração, os discursos evidenciam que o processo de transição é marcado por sentimentos de culpa, desespero, medo, sofrimento e repressão por parte da escola e da família, relacionada a casa. As entrevistas apontam que homens transexuais, até o momento de transicionar, vivem uma vida dupla, ou seja, uma vida com uma identidade de gênero feminina perante a sociedade e, uma vida interna masculina.

O processo de transição também é marcado por angústias e ansiedades, principalmente relacionado às mamas. As entrevistas evidenciam que a questão da mamoplastia masculinizadora ou mastectomia (retirada das mamas) de homens transexuais é tão importante quando a genitália em si, pois com o início da hormonioterapia, as características masculinas sobressaem (barba, bigode, voz, etc), e as mamas podem tornar-se, então, um problema notável. Para evitar a coexistência de seios e barba, muitos homens trans se utilizam de faixas compressoras de seios, conhecidas como binder, com conseqüências para a própria saúde¹⁷. Ainda, as entrevistas apontam que a cirurgia da retirada das mamas pode facilitar a retificação do nome e alteração do gênero nos documentos. Entretanto, isto não é uma realidade simples, principalmente

17 Pressão na caixa torácica, restringem a respiração, não permitem a expansão do tórax, podem causar problemas respiratórios, compressão das costelas (em casos extremos podendo levar a costelas partidas), nódos negros, entre outras conseqüências. É recomendado não utilizar o binder por mais de 8 horas seguidas. Disponível em: <<http://transcenas.blogspot.com.br/2014/09/masterpost-binders.html>> Acesso em: 26 nov. 2017.



relacionado à questão financeira dos sujeitos:

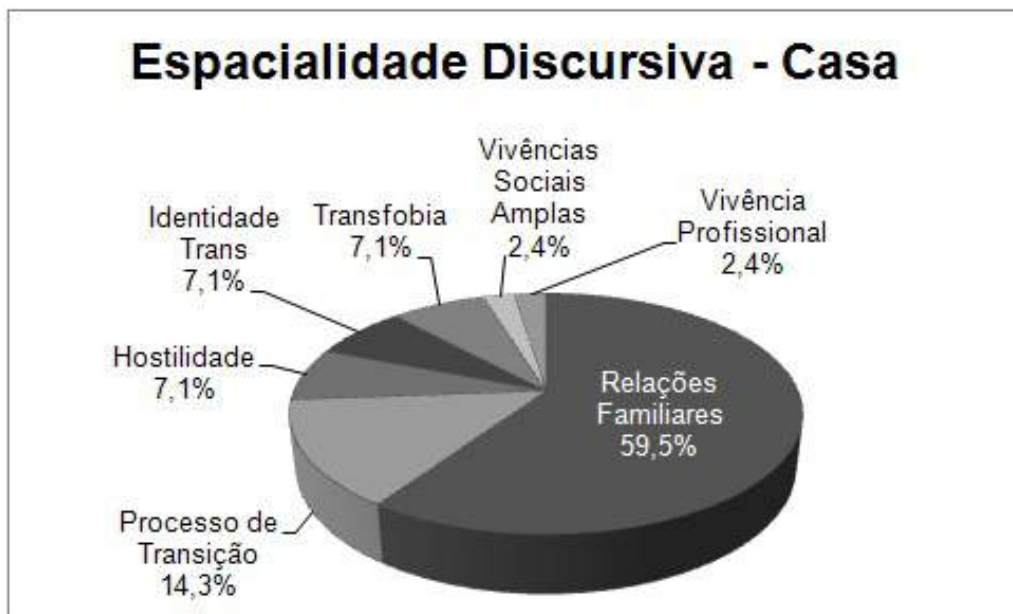
[...] daí tem outra coisa que muitas pessoas pensam que quando você fala que você é homem trans as pessoas pensam a primeira coisa é a genitália, né? Tipo “você vai fazer a cirurgia da genitália?” E pra nós os homens trans na verdade a mais importante é a mastectomia mesmo. Por causa que a mama é a que mais aparece, né? [...].
(Thor).

A preocupação voltada às mamas pode ser compreendida na relação que elas possuem com a feminilidade, constituindo-se então um paradoxo entre feminilidade e masculinidade. Como afirmado acima, o processo de transição é uma caminhada que é marcada por um conjunto de sentimentos negativos, relacionados a espacialidade da escola, mas também da casa, espacialidade que será tratada a seguir.

A Casa

A espacialidade discursiva 'Casa' possui 12,8% do total das evocações e está intimamente relacionada às questões familiares, ao processo de transição, à hostilidade e à transfobia. Assim, o gráfico abaixo evidencia as categorias discursivas¹⁸:

Gráfico 3 – Espacialidade Discursiva – 'Casa', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

18 Desconsideramos as categorias discursivas 'Vivências Sociais Amplas' (2,4%) e 'Vivência Profissional' (2,4%) da espacialidade discursiva 'Casa', pois as mesmas não possuem um número considerável de evocações discursivas em relação ao total.

A primeira categoria discursiva a ser analisada compreende as 'Relações Familiares', relacionada a 59,5% do total das evocações. Como já analisado anteriormente, o processo de transição e autoidentificação enquanto homem transexual perpassa as relações familiares, onde o sentimento de medo e angústias estão presentes diariamente. Novamente, as entrevistas evidenciam a primeira identificação enquanto lésbica perante a família, intensificada posteriormente pela necessidade de se assumir enquanto homem trans. Este ato de assumir duas vezes coloca-se enquanto um processo doloroso, pois o medo de uma possível reação negativa por parte da família é cogitado duplamente, principalmente relacionado à expulsão da casa. Segundo as entrevistas, o processo de compreensão da transição por parte da família é lento, sendo o incentivo/apoio dos pais imprescindível:

[...] E se eu não tivesse coragem agora eu não sei quando eu ia me assumir, porque eu tinha medo [...] tinha muito medo.. aham, eu tinha muito medo principalmente da reação das minhas irmãs, do pai... [...] tipo eu me assumi por 15 anos uma lésbica masculinizada, ai já foi um choque assim principalmente pra minha irmã do meio. Ai quando ela começou aceitar o meu namoro... ano passado eu acabei terminando... dai... dali uns meses eu me assumi trans. [...]. (Gavião Arqueiro).

[...] Meu pai me expulsou de casa umas três vezes. Só que ele sempre voltava atrás, assim. Ai ele tipo brigava, foi dois anos assim bem conturbado que tipo era só briga lá em casa. [...]. (Capitão América).

[...] Então, cheguei em casa eu conversei com minha mãe tal. Meu pai até hoje nunca cheguei a conversar com meu pai, ele aceita assim, mas ele não... prefere não tocar no assunto, mas ele respeita. A minha mãe também não é muito assim... de falar, né... essas coisas porque pra família é um processo mais lento, né? Por ter te conhecido antes, não só pros pais, mas pra toda família, tios... todos os parentes é mais complicado. [...]. (Thor).

Como visto, o processo de transição está intimamente ligado às relações familiares. Desta forma, as categorias discursivas 'Processo de Transição' (14,3%) e 'Identidade Trans' (7,1%) podem ser compreendidas em conjunto. As entrevistas evidenciam que o ato de assumir a transexualidade perante a família foi menos doloroso do que o ato de assumir a lesbianidade anteriormente. Ainda, há o reconhecimento do incentivo e apoio da família durante o processo de transição, embora houvesse resistência por parte da família em relação ao início do tratamento hormonal devido as consequências para a saúde.

Em se tratando da categoria discursiva 'Hostilidade' e 'Transfobia', ambas com 7,1% das evocações, nota-se o preconceito e discriminação principalmente por parte da figura paterna nos discursos. Segundo as entrevistas, novamente é evidenciado o medo da expulsão de casa, bem como o tratamento diferenciado por parte do pai em relação aos irmãos e as irmãs, o que pode levar a quadros depressivos:

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos, Marcio Jose Ornat

[...] Só tipo que nem meu pai, assim ele meio que não me trata muito como filho. Que nem meu irmão ele chama normal tipo 'filho', minha irmã de 'filha'. Eu ele me chama só de [nome oculto]. Tipo a gente não conversa muito assim. A gente conversa bem pouco assim. [...] Ele pegou e falou que tipo não tinha mais filha, né. No caso, que eu tinha morrido pra ele. Que era pra mim ir embora e aí se eu fosse pra continuar assim era pra mim ir embora, deixar eles e tal. Que daí tipo, que nem lá em casa assim vivia reclamando pra minha vó. Ai minha vó chegava lá em casa e falava que eu ia matar meu pai de tanto estresse não sei o que... tipo foi indo assim. Daí eu entrei em depressão [...]. Daí foi bem complicado. [...]. (Capitão América).

Segundo Oliveira e Porto (2016), é considerada a hipótese de expulsão de casa uma vez que a identidade trans é assumida, podendo perder o acesso à educação, diminuindo as possibilidades de ascensão social e qualidade de vida, restando-lhes sua vivência à margem da sociedade. Estas reflexões denunciam o quanto estas espacialidades estão intimamente ligadas, sendo a instituição familiar como subsídio para melhores oportunidades durante a vida de homens transexuais, em especial a continuidade nos estudos e, possivelmente ao maior acesso ao mercado formal de trabalho.

A Empresa

Os homens transexuais entrevistados também enfrentam dificuldades em relação ao mercado formal de trabalho, como aponta o percentual da espacialidade discursiva 'Empresa' (8,5%). Para tanto, o gráfico a seguir (Gráfico 4) evidencia as categorias discursivas¹⁹ que serão agora analisadas:

Gráfico 4 – Espacialidade Discursiva – 'Empresa', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

A categoria discursiva 'Vivência Profissional' (50,0%) refere-se a vivência profissional dos homens trans entrevistados. Vale ressaltar que um dos entrevistados iniciou o processo de transição durante sua vida profissional (depois de graduado). O medo de perseguições no ambiente de trabalho caso houvesse a descoberta da transexualidade por colegas de profissão é evidente, mesmo tendo contrato assinado pela empresa. Entretanto, o processo de transição iniciado durante a vivência profissional pode estabelecer redes de solidariedade entre alguns colegas, bem como o respeito ao uso do nome social, principalmente por parte das pessoas que ocupam os maiores cargos profissionais.

As entrevistas também apontam o desconhecimento por grande parte de colaboradores das empresas referente ao processo de contratação de pessoas transexuais quanto ao uso do nome social, bem como na elaboração de currículos profissionais para enviar às plataformas. Ainda, para os entrevistados o fato de ser homem transexual pode causar prejuízos na própria carreira profissional, principalmente devido à transfobia. Outro fator importante evidenciado nas entrevistas diz respeito ao emprego como um subsídio de encorajamento para assumir a identidade transexual para a família, bem como para uma vivência transexual significativa.

[...] Quem aceita, quem não aceita? Azar. To trabalhando, tenho meu dinheiro [...] dá um empoderamento de você ter um estudo, um trabalho, com certeza, né, sendo independente. [...]. Também na época eu já tava trabalhando, daí você já tem uma independência de contar, de não ter medo de contar [para a família] porque você tá trabalhando, né? [...]. (Thor).

Mais uma vez, vemos as relações entre as espacialidades. A graduação que proporcionou a possibilidade de ser contratado formalmente por determinada empresa, estabelecendo uma situação de independência e estabilidade financeira que o encorajou para assumir a própria transexualidade para a família.

A categoria discursiva 'Transfobia' (17,9%) e 'Hostilidade' (14,3%) referem-se aos preconceitos e discriminações sofridos nas empresas. Assim, a transfobia, muitas vezes exercida por meio da ignorância ou desconhecimento, está presente nos casos de processos de contratação para o emprego formal (entrevistas, entrega de currículos, etc), até casos de demissões voluntárias devido à transfobia sofrida diariamente em âmbito profissional. Novamente, há o reconhecimento do prejuízo profissional que os homens transexuais enfrentam, por exemplo ao ouvir durante uma entrevista de emprego que “eles [a coordenação da empresa] queriam um 'homem de verdade'” (Capitão América). Ainda, a categoria discursiva 'Identidade Trans' (7,1%), diz respeito a agressão à identidade trans durante o processo de contratação na área de formação, como pode ser visto no discurso abaixo:

19 Desconsideramos as categorias discursivas 'Movimento Social' (3,6%), 'Processo de Transição' (3,6%) e 'Relações Familiares' (3,6%) da espacialidade discursiva 'Empresa', pois as mesmas não possuem um número considerável de evocações discursivas em relação ao total.



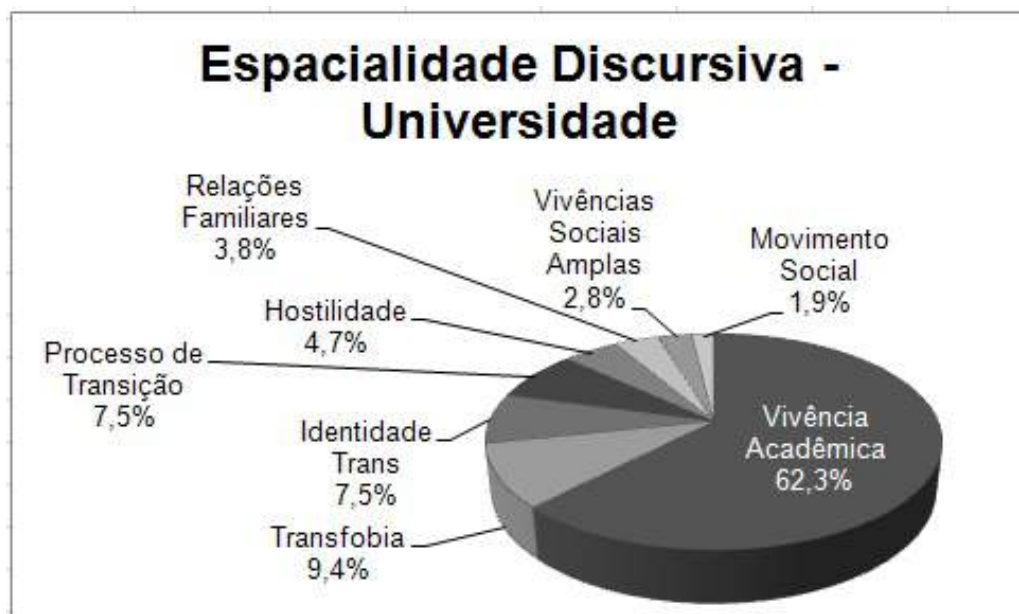
[...] Daí minha mãe falava pra tirar a barba, coisa, mas não, eu me negava isso, eu falava: não vou fazer isso! Se não quiser aceitar, não vai, entende? que não me sujeitava a isso (tua mãe queria que você entrasse no padrão pra ser aceito) isso. Mas não ia, mesmo que eu raspasse a barba, ia aparecer, não tem... Não tem como. Daí eu não me sujeitava a isso. Eu: Não, prefiro trabalhar, sei lá, em açougue, loja de roupa do que ter que me sujeitar a isso. De fazer isso pra me aceitar. [...]. (Thor).

Adelman et al. (2003) afirma que o mercado formal de trabalho é generificado a partir da bipolaridade normatizada, onde certos valores e avaliações que compete a cada gênero estão imbricados dentro dessa lógica, mas que pessoas desviantes da heteronormatividade podem se sentir rejeitadas por não se encaixarem em determinados seguimentos do mercado formal de trabalho. Chamamos a atenção que o acesso a uma boa colocação no mercado formal de trabalho está intimamente relacionado ao homem trans possuir uma formação condizente com uma boa qualificação profissional. Assim, os espaços educacionais possuem ligação com o acesso ao mercado formal de trabalho.

Os Espaços Educacionais

A espacialidade discursiva 'Espaços Educacionais' compreende 51,2% do total das evocações. Destas, 32,3% representam a espacialidade discursiva – 'Universidade', 13,7% do total de evocações compreendem a espacialidade discursiva – 'Escola' e, 5,2% do total das evocações são relacionadas a espacialidade discursiva - 'Banheiro'. Os gráficos 5, 6 e 7 evidenciam as categorias discursivas das referidas espacialidades discursivas²⁰.

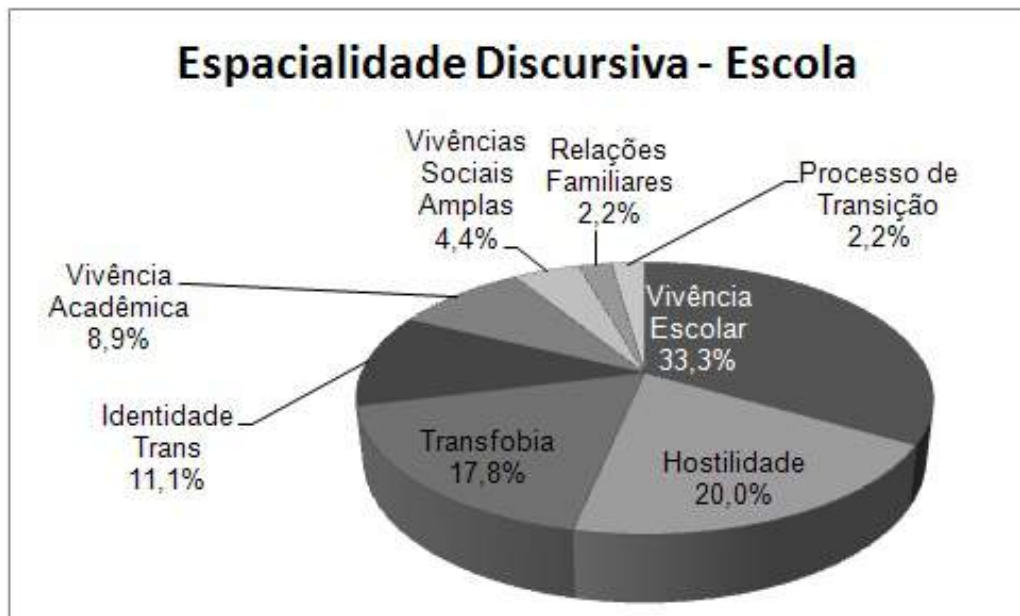
Gráfico 5 – Espacialidade Discursiva – 'Universidade', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos, Marcio Jose Ornat

Gráfico 6 – Espacialidade Discursiva – 'Escola', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

No que diz respeito as categorias discursivas 'Vivência Acadêmica' (62,3%) da espacialidade discursiva 'Universidade', evidenciamos que o nome social se constitui pilar para a vivência transexual em espaços educacionais de nível superior. Entretanto, a adoção do nome social está marcada por situações constrangedoras, uma vez que o mesmo pode não ser respeitado, como evidenciam as entrevistas. Segundo os discursos, quando o nome social é adotado no decorrer da graduação muitos problemas surgem, pois ao se assumir homem trans, algumas pessoas podem alterar as relações de proximidade anteriormente estabelecidas. Ainda, ao adotar o nome social no decorrer do curso, alguns homens trans tem de estabelecer um diálogo para com os docentes, informando sobre o nome social na chamada, o que gera constrangimentos, os quais também estão presentes durante o processo de matrícula no início do curso. Também, os entrevistados encontraram barreiras no processo de inclusão do nome social na produção de artigos, carteira estudantil, currículo Lattes, etc.

As relações entre a utilização do nome social e espaços educacionais de nível superior são distintas, pois a utilização do nome social foi iniciado pelos entrevistados em diferentes contextos temporais (adoção do nome social antes, durante ou depois da graduação). Alguns dos homens transexuais iniciaram a graduação enquanto lésbicas, não fazendo uso do nome social. Logo, as situações de hostilidade, rejeições e exclusões também são distintas, podendo

20 Desconsideramos as categorias discursivas 'Processo de Transição' (7,5%), 'Hostilidade' (4,7%), 'Relações Familiares' (3,8%), 'Vivências Sociais Amplas' (2,8%) e 'Movimentos Social' (1,9%) da espacialidade discursiva 'Universidade' e as categorias discursivas 'Vivência Acadêmica' (8,9%), 'Vivências Sociais Amplas' (4,4%), 'Relações Familiares' (2,2%) e 'Processo de Transição' (2,2%) da espacialidade discursiva 'Escola', pois as mesmas não possuem um número considerável de evocações discursivas em relação ao total.

não ocorrer, como exemplo a realização de vestibulares sem maiores problemas. Um dos entrevistados afirma que por todo o período da graduação até sua conclusão permaneceu enquanto lésbica, não sofrendo nenhuma hostilidade durante o período pré transição.

Já a categoria discursiva 'Vivencia Escolar' (33,3%) da espacialidade discursiva 'Escola', evidencia que a evasão escolar e abandono da escola são questões que perpassam a vida escolar de alguns homens transexuais entrevistados. Devido ao controle intenso que era submetido, a desistência da escola foi pensada enquanto uma possibilidade, não ocorrendo de fato. Ainda, um dos entrevistados aponta o reconhecimento da possibilidade de utilizar o nome social durante a educação básica, porém optou por não fazer uso até o término do ensino médio, evitando questões relacionadas à transfobia.

Embora os espaços educacionais de nível superior produzam e reproduzam a transfobia de forma velada ou explícita (categoria discursiva 'Transfobia' (9,4%) da espacialidade discursiva 'Universidade'), segundo as entrevistas, é na escola que a transfobia e a hostilidade mostra sua face de forma mais intensa (categorias discursivas 'Transfobia' (17,8%) e 'Hostilidade' (20,0%) da espacialidade discursiva - 'Escola'). Segundo os discursos, é através do espaço escolar que a hostilidade contra pessoas transexuais ocorre, paralelamente à omissão docente. Esta transfobia é ainda mais acentuada quando se trata de mulheres transexuais e travestis, ocorrendo uma evasão escolar maior destes grupos, segundo os sujeitos:

[...] só que as vezes não é só isso que ocorre, ocorre bullying, né, começam com piadas, né... então, eu não sei que tipo de piada que fariam com homem trans dentro, né... mas com mulheres trans é mais aquela coisa de viadinha, aquelas coisas assim mais né, mais coisas assim que tem... [...] então muitas mulheres acabam desistindo de estudar, né. [...] eu creio que a parte de preconceito, transfobia seja mais com mulheres trans, que eu vejo, não que não tenha, mas a questão acho que de desistir de estudar... [...]. (Thor).

No que diz respeito a categoria discursiva 'Identidade Trans' da espacialidade discursiva 'Universidade' (7,5%), as entrevistas evidenciam que a vivência acadêmica possibilitou maior confiança para assumir a identidade transexual e que a mesma contribuiu para a aceitação da própria identidade, uma vez que conflitos e medos internos eram constantes. Ainda, as entrevistas apontam a importância da representatividade e a necessidade de um número cada vez maior de pessoas transexuais ocuparem estes espaços de direito. Isto corrobora com a categoria discursiva 'Identidade Trans' da espacialidade discursiva 'Escola' (11,1%) onde aborda sobre a necessidade das discussões relacionadas a transexualidade nas escolas, pois, ao discutir o tema, esta possibilidade de identidade de gênero é apresentada, auxiliando na representatividade nos mais diferentes espaços, desmistificando a ideia de que determinadas espacialidades não pertencem a esta população, dentre eles, os espaços educacionais.

Em relação ao nome social, entre avanços e retrocessos nos âmbitos municipais, estaduais e federais²¹ relacionada às temáticas de gênero e

sexualidades na educação, o estado do Paraná aprovou, em 2016, o Parecer nº03/2016-CP/CEE²², que trata sobre a inclusão do nome social por discentes menores de 18 anos em escolas paranaenses. Este documento faz uma reanálise do Parecer nº 04/2009 CAOPEduc²³ no qual contemplava o nome social nos documentos escolares internos somente para maiores de 18 anos²⁴.

O nome social também está presente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), desde 2014, as pessoas podem requerer o uso do nome social durante a realização das provas. Nesta primeira demanda, 102 pessoas solicitaram a utilização do nome social. Em 2015 esse número aumentou para 278 e, em 2016, para 407. No ENEM de 2017, houve uma queda dos números de solicitações totalizando 303 pessoas. Esta queda no número de inscritos deve-se ao fato de que muitas pessoas deixaram de realizar o ENEM para obter o certificado de conclusão do ensino médio a partir do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA)²⁵.

Hogemann (2014) alega que é a partir do nome que somos identificados e obtemos nossa individualidade. Assim, o nome social pode ser entendido enquanto um exercício da cidadania. Para Mendes (2012), a utilização do nome social torna-se imprescindível para a vivência educacional, na medida em que se evitará constrangimentos e ações discriminatórias.

Embora o nome social, como política de inclusão, se constitua como uma possibilidade de garantia da permanência destas pessoas na educação, isto não se limita somente a ela, devendo ser acompanhada por múltiplas ações, na medida em que somente o nome social não atinge uma permanência

21 Em 2016, a então presidenta, Dilma Rousseff (PT), assinou o Decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016 que ‘dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional’. Ou seja, travestis e pessoas trans podem utilizar o nome social nos órgãos de serviço público federal, incluindo universidades federais e institutos federais.

22 CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Parecer nº03/2016-CP/CEE. Disponível em: <http://www.educacao.mppr.mp.br/arquivos/File/informativos/2016/parecer_cp_cee_03_2016_nome_social.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

23 CENTRO DE APOIO OPERACIONAL ÀS PROMOTORIAS DE JUSTIÇA DE PROTEÇÃO À EDUCAÇÃO. Parecer nº 04/2009 CAOPEduc. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/parecer/parecer_04_2009_caopeduc_prot_10934_09_nome_social.pdf>. Acesso em: 17 set. 2017.

24 Não desmerecendo a importância deste Parecer na promoção da cidadania das pessoas trans e travestis, não podemos deixar de notar que o Parecer nº03/2016-CP/CEE, em sua página 2, item ‘Mérito’, não se exime da utilização do termo ‘transtorno de identidade de gênero’ o qual discorre que ‘o tema em apreço contempla a possibilidade de alunos com transtorno de identidade de gênero, menores de 18 (dezoito) anos, solicitarem, por meio de requerimento, a inclusão do nome social nos documentos escolares internos’. Vale ressaltar que desde 2009 a campanha ‘Stop Trans Pathologization’ (Pare a Patologização!) foi criada para incentivar a realização de ações pela despatologização trans. Em outubro de 2015, 397 grupos e redes da África, América Latina, América do Norte, Ásia, Europa e Oceânia aderiram à STP 2012. Disponível em: <<http://www.stp2012.info/old/pt>>. Acesso em: 17 set. 2017.

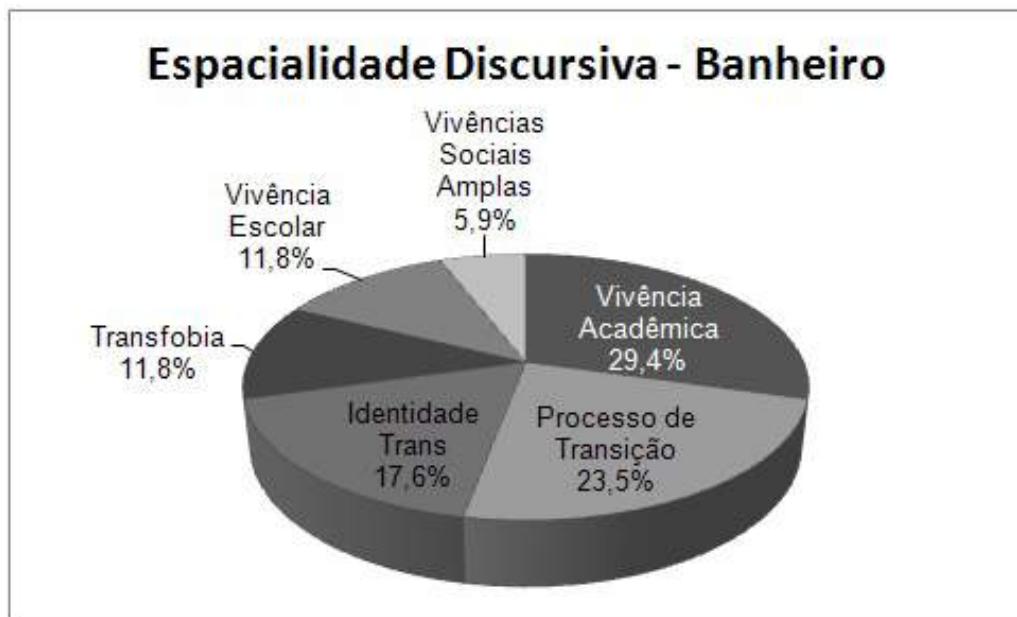
25 MAIS DE 300 PESSOAS VÃO FAZER O ENEM USANDO NOME SOCIAL NESTE ANO. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-10/mais-de-300-pessoas-va-o-fazer-o-enem-usando-nome-social-neste-ano>> Acesso em: 18 nov. 2017.

significativa, uma vez que há preconceitos, além de desconhecimento por parte das pessoas que vivenciam estes espaços (LIMA, 2013).

Lima (2013) reconhece que estas múltiplas ações partem de diferentes investimentos, argumentando a existência de diversos fatores externos para a não permanência destas pessoas nestas espacialidades educacionais, tornando a escola uma realidade cada vez mais distante, incluindo os espaços educacionais de nível superior.

Em relação a espacialidade discursiva 'Banheiro' (5,2%), as entrevistas evidenciam que o banheiro, tanto dos espaços escolares, quanto dos espaços educacionais de nível superior constituem-se enquanto espaços de desconforto. Além de apresentar-se enquanto um ambiente para satisfazer as necessidades fisiológicas, o banheiro é dividido a partir da dualidade masculino/feminino. Junckes e Silva (2009) salientam que o papel desta espacialidade na vivência escolar vai além de um espaço de realização de necessidades fisiológicas, sendo parte fundamental da reprodução dos corpos generificados, marcando as fronteiras entre os sexos e o exercício dos papéis esperados. O gráfico a seguir (Gráfico 7) evidencia as categorias discursivas (%) presentes na espacialidade discursiva 'Banheiro'²⁶:

Gráfico 7 – Espacialidade Discursiva – 'Banheiro', dos homens trans que vivenciam / vivenciaram os espaços educacionais de nível superior do município de Ponta Grossa, Paraná.



Fonte: Entrevistas realizadas entre os dias 14 de janeiro de 2016 a 16 de fevereiro de 2017. Org.: SANTOS, 2017.

As categorias discursivas 'Vivência Acadêmica' (29,4%) e 'Vivência Escolar' (11,8%) serão discutidas em conjunto para melhor compreensão desta espacialidade, no que diz respeito ao espaço escolar e aos espaços

26 Desconsideramos as categorias discursivas 'Identidade Trans' (17,6%), 'Transfobia' (11,8%) e 'Vivências Sociais Amplas' (5,9%) da espacialidade discursiva 'Banheiro', pois as mesmas não possuem um número considerável de evocações discursivas em relação ao total e que a categoria discursiva 'Vivência Escolar' (11,8%) e 'Vivência Acadêmica' (29,4%) serão analisadas em conjunto para maior inteligibilidade do fenômeno.

educacionais de nível superior. As entrevistas evidenciam que durante a vivência escolar, a utilização do banheiro feminino era obrigatória, ao contrário dos espaços educacionais de nível superior em que é possível a utilização do banheiro mais apropriado ao gênero identificado (dependendo do início da transição), o que não os livra de sofrer sanções. Embora seja considerado como um espaço de desconforto tanto na vivência escolar quanto na vivência acadêmica, são nos espaços educacionais de nível superior que estratégias são colocadas a prova para a utilização do banheiro masculino, como exemplo, o deslocamento maior para chegar a outro banheiro distante do grupo de convívio. Segundo os discursos, esta distância, às vezes dobrada, possibilita um maior conforto, uma vez que a identidade de gênero do sujeito não é conhecida e, sua 'passabilidade', ampliada.

A utilização do banheiro para algumas graduações não se faz somente para fins fisiológicos, mas também como parte da rotina do curso como é o caso do curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, em especial as aulas de natação. De acordo com as entrevistas, a utilização do banheiro feminino após as aulas de natação (período pré-transição e durante transição) gera constrangimentos e desconfortos tanto para a pessoa que está no processo de transição (categoria discursiva 'Processo de Transição' (23,5%)), quanto para as colegas de curso que utilizam do mesmo espaço. De toda forma, o banheiro masculino não pode ser uma opção neste momento, pois os chuveiros são coletivos, não contendo divisórias, o que acarretaria em medo e desespero. Assim, estratégias são postas em prática para que o uso do banheiro seja feito o mais tranquilamente possível, como é o caso de aguardar todas as meninas saírem do recinto para então utilizá-lo.

[...] Ai, porque nossa, foi... foi tenso... tipo, nossa, eu gostava muito de tá na natação sabe, eu participava do projeto de natação, dava aula pra criança lá, gostava muito de tá lá. Só que as vezes pensava: meu, será que vou ou não vou? Será que continuo? Pela questão do banheiro [...]. (Homem de Ferro).

Alves e Moreira (2015, p. 67), compreendem o banheiro como uma ferramenta de controle normatizador da sexualidade, sendo que “(...) na escola, o uso do banheiro revela mecanismos estruturantes e hegemônicos que regulam corpos e sujeitos numa perspectiva ontológica do sexo anatômico”. De acordo com Maia (2012), o reconhecimento dos corpos dentro de uma lógica binária leva a adjetivar o espaço físico banheiro, configurando diferentes formas arquitetônicas, e conseqüentemente, adequando os corpos aos códigos vigentes da heteronormatividade. Assim, alguns homens transexuais podem sofrer com a utilização desta espacialidade, sendo necessário estratégias para sua utilização através dos espaços educacionais.

Conclusão

Este artigo analisou as vivências espaciais de homens transexuais residentes na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Desta forma, os espaços educacionais de nível superior enquanto produto de inter-relações, com trajetórias múltiplas e

em contínua construção (MASSEY, 2008) dão possibilidades para a existência de múltiplas relações, onde variadas pessoas vivenciam este espaço, inclusive, homens transexuais.

Por muito tempo as trajetórias das pessoas que transgridem as fronteiras do gênero e da sexualidade foram imobilizadas em diversos espaços, dentre eles, os espaços educacionais. Mesmo que o processo de exclusão social e ações regulatórias ocorram, as vivências de homens trans através destes espaços são uma realidade cada vez maior, contestando a interdição analisada por Silva (2008). Em especial, neste artigo os homens transexuais estão resistindo a ordem heteronormativa e buscando estratégias para sua permanência em múltiplas espacialidades que vão além dos espaços educacionais de nível superior, constituindo diferentes relações.

Evidenciamos que o processo de identificação enquanto homem trans não é linear, perpassando por uma identificação anterior enquanto lésbica, ocorrida pelo desconhecimento da existência da possibilidade da transexualidade, mas também à obrigatoriedade socialmente exercida de 'encaixar-se' em uma categoria já conhecida (lesbianidade). Este quadro levou os sujeitos pesquisados à passarem por dois processos ao longo de suas vivências: primeiramente se assumir lésbica e, posteriormente, homem transexual. O ato de se assumir 'duas vezes' é doloroso, onde o medo de uma reação negativa por parte da família é cogitado duplamente, principalmente relacionado à expulsão de casa por parte da figura paterna.

Embora o termo não seja muito aceito para alguns sujeitos entrevistados, houve o reconhecimento da maior passabilidade de homens trans, o que acarreta numa invisibilidade destes sujeitos. Ainda, o processo de transição é marcado por sentimentos de culpa, desespero e repressão por parte da família e escola, bem como angústias e ansiedades relacionados às mães, onde muitos utilizam-se de faixas compressoras, podendo colocar em risco a própria saúde.

Em relação ao mercado formal de trabalho, evidenciamos constrangimentos e desafios no que diz respeito ao processo de contratação. Ainda, a dualidade presente nestes espaços nos chama atenção: por um lado, o medo frequente de perseguições e, por outro, redes de solidariedades sendo estabelecidas entre colegas. Ainda, o fator 'transexualidade' pode causar prejuízos na carreira profissional, motivado pela transfobia, mas que sobretudo, o 'estar empregado' possibilita um encorajamento para assumir a identidade transexual perante a família a partir da ideia da independência financeira.

Embora o nome social se constitua como um pilar para uma vivência acadêmica efetiva, a sua utilização está marcada por situações constrangedoras quando este não é respeitado. Evidenciamos que muitos homens transexuais encontram barreiras no processo de inclusão do nome social em questões relacionadas ao ensino superior (produção de artigos, carteira estudantil, currículo Lattes, chamada, processo de matrícula, etc). Estas relações referentes ao nome social são distintas, pois sua utilização pelos sujeitos entrevistados foi iniciado em diferentes contextos temporais.

Em relação a vivência escolar, o abandono da escola e a evasão; essas são questões de destaque na vida de alguns homens trans entrevistados, embora não se efetivando. Em espaços educacionais (desde a educação básica ao ensino superior), a utilização do banheiro não se faz somente para fins

fisiológicos, mas também como rotina de alguns cursos de graduação. Constituindo-se enquanto espaço de desconforto para alguns homens trans, a utilização do banheiro feminino durante a vivência escolar era obrigatória, ao contrário dos espaços educacionais de nível superior, que mesmo podendo sofrer sanções, é possível a utilização do banheiro que melhor corresponda com o gênero identificado. Contudo, para sua utilização são necessárias estratégias que possibilitem um maior conforto.

Em se tratando de espaços educacionais e hostilidade, é através do espaço escolar que a transfobia mostra sua dura face de forma mais intensa e cruel, principalmente relacionado às mulheres transexuais e travestis, denunciando uma evasão escolar maior destas pessoas, segundo os sujeitos entrevistados.

A partir destas vivências educacionais significativas, estas pessoas podem estabelecer as mais diversas relações em variadas espacialidades, pois, como afirma Massey (2008), o espaço, possui uma multiplicidade de trajetórias, em que as pessoas têm suas próprias histórias para contar.

Referências

ADELMAN, Miriam; AJAIME, Emmanoelle; LOPES, Sabrina Bandeira; SAVRASOFF, Tatiana. Travestis e transexuais e os outros: identidade e experiências de vida. **Revista Gênero**, v. 4, n. 1, p. 65 – 100, 2003.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. **Quaderns de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 59 – 69, 2015.

AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por Reconhecimento, Desrespeito e Universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Revista Teoria e Sociedade**, n. 21, p. 229 – 262, jun./dez. 2013. Dossiê – Violências da Universidade: racismo, sexismo, homofobia e políticas de enfrentamento

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CAMPOS, Dafne Marcelle de Almeida Ramos. Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher. In: REDOR - REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES GÊNERO, 18, 2014, Recife. **Anais...**, p. 2718 – 2729.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v.21, n.1, p. 241 – 254, jan./abr. 2013.

FREITAS, Júlio César Rufino de. Exclusão Social, Fracasso e Evasão Escolar de Jovens Homossexuais. In: V ENCONTRO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC, 5, 2011, Recife. **Anais...** p.1 – 6.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOGEMANN, Edna Raquel. Direitos Humanos e Diversidade Sexual: o reconhecimento da identidade de gênero através do nome social. **Revista SJRJ**, v. 21, n. 39, p. 217 – 231, 2014.

HORTA, José Silverio Baia. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. **Caderno de Pesquisas**, n.104, p. 5 – 37, 1998.

JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. Espaço Escolar e Diversidade Sexual: um desafio às Políticas Educacionais no Brasil. **Revista de Didáticas Específicas**, n. 1, p.148 – 166, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009. p. 13 – 51.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004. p.157-179.

LIMA, Maria Lucia Chaves. **O uso do nome social como estratégia de inclusão escolar de travestis e transexuais**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. Acorda Alice, aluga um filme pornô – uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p 30 – 36, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, Thiago Meneses de Castro. **A homofobia na Universidade de Brasília**: discriminação, expressões e representações entre estudantes. 2012. Monografia. (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade de Brasília, Brasília – DF.

MÉNDEZ, Raquel (Lucas) Platero. **Trans*sexualidades. Acompañamientos, factores de salud y recursos educativos**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2014.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de; PORTO, Tauane Caldeira. A transfobia e a negação de direitos sociais: a luta de travestis e transexuais pelo acesso à educação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 5, 2016, São Leopoldo. **Anais...** p. 322 – 336.

SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos; ORNAT, Marcio Jose. **Pelo Espelho de Alice**: homofobia, espaço escolar e prática discursiva docente. Curitiba: Appris, 2017.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin Dos. **Cartografias da Transexualidade**: a experiência escolar e outras tramas. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. p. 143 – 182.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**, v.1, n.18, p. 1 – 18, 2008.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. **Plurilocalidades dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56 – 75.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná

ZAMBRANO, Elizabeth. Transexuais: identidade e cidadania. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 97 – 107.

Recebido em 02 de fevereiro de 2018.

Aceito em 01 de maio de 2018.

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos, Marcio Jose Ornat

50